

ORIENTE E OCIDENTE NA ENCRUZILHADA DA MAGIA

Aline Dias da Silveira



O filósofo/mago na produção do anel mágico de Mercúrio. Fonte: Livro de Astromagia (séc. XIII). http://www.cervantesvirtual.com/portales/alfonso_x_el_sabio/imagenes_astromagia/, acessado 10/06/2021, às 17:46.

Vocês já se perguntaram, porque três reis magos, “vindos do oriente”, tiveram representatividade nos textos sagrados cristãos? O quanto a magia esteve presente no cotidiano antigo e medieval? Certamente, muito mais que os livros de História contam, já que a História, enquanto uma disciplina do século XIX, está impregnada da ideia de separação e hierarquização de saberes. Assim, a magia - para muitos historiadores modernos - é considerada um tema pouco relevante. No entanto, isso não significa que, para a realidade cotidiana antiga e medieval, ela não tenha uma real importância e participe de uma cosmovisão integrativa do conhecimento. A História não é apenas uma disciplina moderna, ela é também - por uma perspectiva mais fenomenológica - a experiência humana no tempo, manifesta em diversas expressões. Nesse sentido, estudar os textos mágicos, suas traduções, circulação, compilações e adaptações ao longo de séculos nos possibilita vislumbrar essas experiências em ampla conexão, fusão e, por vezes, rechaço de práticas do conhecimento integrado, no qual não há separação entre medicina, geologia, astronomia, literatura, alquimia, fitologia,

DA SILVEIRA, Aline Dias. Oriente e Ocidente na encruzilhada da magia. *Entre oriente e ocidente*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

política, religião e filosofia. Tudo isso e muito mais podemos encontrar nos tratados medievais de magia. Através deles, podemos chegar a grandes encruzilhadas do conhecimento e das culturas, nas quais os limites entre oriente e ocidente são irrelevantes para a legitimidade do conhecimento. O respeito à fonte e a sua cosmovisão nos obriga a questionar nossas categorias modernas e nos alerta para o perigo de submetermos a interpretação de um fenômeno muito recuado no tempo a nossas divisões políticas do espaço e do saber. Não é que não existisse a ideia de oriente e ocidente no medievo, mas eram concepções bem mais difusas e mutáveis.

Vamos usar o exemplo de uma obra escrita em árabe na Península Ibérica medieval do século XI, o *Ghāyat al-hakīm*, o qual, por muito tempo, foi considerado o mais completo manual de magia difundido no ocidente. Seu nome significa “o objetivo do Sábio”, mas qual seria este objetivo? Segundo o texto, o objetivo seria a prática da magia, de acordo com a vontade divina, para alcançar uma maior compreensão de Deus e por consequência a transcendência, ao menos é o que propõe o texto em sua parte introdutória. Nesta obra, constituída de 4 tratados, o praticante de magia é chamado de filósofo e a magia é entendida como uma parte da filosofia, como um estágio final, chamado de “*conclusio*” (*Picatrix*, Tratado I, cap. II, p. 6, § 1, §6-10, p. 7, § 1 e p. 8, § 11-27).

No *Ghāyat al-hakīm*, a magia é entendida como a prática de uma filosofia neoplatônica que explicaria a relação intrínseca e correspondente entre todos os seres da esfera terrestre com as esferas celestes (planetárias). Mas, além das explicações e reflexões filosóficas iniciais do *Ghāyat al-hakīm*, sobre o que mais ele versa? O autor do livro diz que compilou mais de duzentos textos e podemos perceber que as correspondências descritas entre plantas, estrelas, cores, animais, pedras, incensos, dias da semana, deuses, anjos e espíritos também são encontrados em tratados de medicina, astronomia/astrologia, geologia, bestiários, alquimia e muitas outras áreas do saber que não eram percebidas em separado naquela época (PINGREE, 1980, 1-15). O conhecimento destas relações simpáticas servia para a aplicação em rituais e práticas que poderiam interferir em uma determinada realidade para que o filósofo/mago alcançasse seu objetivo.

Só é possível entendermos o movimento desses saberes em meio a sábios de diferentes culturas religiosas e compilações de diversos pergaminhos, que se espalhavam pelas rotas comerciais e cortes de reis e califas, se desconstruirmos nossas categorias de oriente e ocidente e visualizamos as rotas terrestres e marítimas que conectam os continentes africano, asiático e europeu. A filosofia do *Ghāyat al-hakīm*, antes de ser manifestada na obra, percorreu o norte da África, Grécia, Itália, Síria, Mesopotâmia e Índia, construindo, em suas compilações e reinterpretações, uma síntese coerente das possíveis relações entre o microcosmo (o ser humano) e macrocosmo (todo o universo não humano). As encruzilhadas dessa transculturalidade são mais evidentes na parte das explicações práticas da magia, nas invocações de anjos e deuses por seus diversos nomes, como na oração a Marte: “*peço-lhe com todos os seus nomes: em árabe, oh, Mirrih; em persa, oh, Bahram; em romano, oh, Marte; em grego, oh, Ares; em hindu, Oh, Angara.*”. A considerar que esta obra foi escrita em árabe, na Europa ocidental mediterrânea e que conflui para si a síntese de saberes milenares, principalmente, vindos da Ásia e da África, diríamos que é uma obra oriental ou ocidental? Difícil responder, não é? Essas categorias tiveram alguma relevância em sua escrita? Parece que não.

Quando Afonso X, o rei sábio de Castela e Leão, manda traduzir o *Ghāyat al-hakīm* para o latim e o castelhano sob o nome de *Picatrix*, ele escreve que aquele seria um conhecimento muito importante, mas infelizmente, perdido dos latinos (*Picatrix*. prólogo, p. 1, linhas 1-6). Parece que para Afonso o conhecimento é um dom divino que pode ser guardado, perdido ou revelado. Afonso

DA SILVEIRA, Aline Dias. Oriente e Ocidente na encruzilhada da magia. *Entre oriente e ocidente*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

identifica no prólogo da obra que este conhecimento foi guardado pelos sábios do oriente, mas este fato não seria suficiente para construir limites, pelo contrário, serviria muito mais para desfazê-los. Na encruzilhada do conhecimento no medievo, categorias de oriente e ocidente tornam-se difusas e fluidas num constante movimento de saberes e culturas. O mago/sábio/filósofo-rei seria um agente mediador, cruzando essas infinitas encruzilhadas culturais, temporais e espaciais, estabelecendo a conexão entre os mundos.

Para saber mais

Picatrix. The Latin Version of the Ghayat Al-Hakim. David Pingee (trad. e ed.). London, 1986.
PINGREE, David. Some of the sources of the Ghāyat al-hakīm. *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, v. 43, 1980, p. 1-15.

SILVEIRA, Aline Dias. Saber em movimento na obra andaluza Gāyat al-hakīm, o Picatrix: problematização e propostas. *Diálogos Mediterrânicos*, n. 9, 2015, p. 169-188.

DA SILVEIRA, Aline Dias. Oriente e Ocidente na encruzilhada da magia. *Entre oriente e ocidente*.
In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em:
<https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>